

Quimeras Pós-Vida: Transcendência frente à Destruição Ecológica

Post-life Chimeras: Transcendence in the Face of Ecological Destruction

Clarissa Ribeiro¹

Resumo

O artigo apresenta e discute a obra “Quimeras Pós-Vida” (Afterlives—Chimeras), que reimagina o uso dos corpos de animais em dinâmicas de troca atravessadas por contextos culturais, sociopolíticos e econômicos. A partir da apropriação de registros fotográficos dos recentes incêndios no Pantanal mato-grossense, o projeto funde imagens de animais carbonizados em vídeo gerado por IA generativa, produzindo formas híbridas. Quadros extraídos desses vídeos, criados em KREA, foram utilizados no Meshy para gerar modelos tridimensionais. Fabricados digitalmente em PLA, cada figura espectral remetem à fusão dos restos dos corpos de animais silvestres sob o fogo. A obra propõe uma reflexão sobre a fragilidade dos ecossistemas e a estética da perda, questionando os custos do progresso e do consumismo. Além, “Quimeras Pós-Vida” considera tecer uma ponte entre uso de animais em rituais ancestrais e a estética do luto ecológico contemporâneo.

Palavras-chave: IA Generativa, Fabricação Digital, Perda da Fauna Silvestre, Luto Ecológico, Incêndios no Pantanal.

Abstract/resumen/resumé

The article presents and discusses the work “Afterlives—Chimeras”, which reimagines the use of animal bodies within exchange dynamics shaped by cultural, sociopolitical, and economic contexts. Drawing from photographic records of the recent fires in the Pantanal wetlands of Mato Grosso, the project merges images of carbonized animals into a video generated by generative AI, producing hybrid forms. Frames extracted from these videos—created using KREA—were used in Meshy to generate three-dimensional models. Digitally fabricated in PLA, each spectral figure evokes the fusion of the remains of wild animal bodies consumed by fire. The work offers a reflection on ecosystem fragility and the aesthetics of loss, questioning the costs of progress and consumerism. Moreover, Afterlives—Chimeras seeks to weave a bridge between the ritual use of animals in ancestral practices and the aesthetics of contemporary ecological mourning.

Keywords: Generative AI, Digital Fabrication, Wildlife Loss, Ecological Mourning, Brazilian Wetland Fires

¹ Clarissa Ribeiro é artista-pesquisadora e Professora na Universidade de São Paulo. Investiga a interseção entre arte, ciência e tecnologia, com ênfase nas dinâmicas informacionais em múltiplas escalas e na metafísica da visualização de dados. Foi Fulbright Scholar no Art|Sci Center da UCLA, diretora do Roy Ascott Studio, é chair do LASER talk da Leonardo no Brasil e integra comitês de eventos como ISEA, SIGGRAPH, CAA, é membro do comitê editorial da Technoetic Arts e parecerista *ad hoc* da Leonardo Journal.



Figura 1. Impressão 3D realizada no FabLab Mauá de um dos modelos gerados no Meshy, a partir de frames extraídos de uma animação produzida com IA generativa no Krea, utilizando fotografias de corpos de animais carbonizados nos incêndios que devastaram o Pantanal nos últimos anos. (Foto da artista)

Pode a documentação fotográfica de animais carbonizados nos recentes incêndios no Pantanal brasileiro servir como insumo principal em um processo criativo que envolve ferramentas de IA generativa e fabricação digital — sem perder a intenção crítica da artista em evidenciar uma catástrofe ambiental? Quando essas imagens, apropriadas de mídias formais e informais, são integradas a um processo artístico, podem convidar à reflexão sobre a estética do luto ecológico e ampliar nossa compreensão do poder destrutivo da humanidade como consequência das escolhas políticas, econômicas e culturais realizadas por nossas sociedades e seus sistemas de troca em escala global?

“Quimeras Pós-Vida” (2024-25) nos remete à integração entre formas de vida como parte de uma existência bioquímica complexa — dos partículas subatômicas às

células em todas as possíveis recombinações — em sua luta por sobrevivência nos mais diversos ecossistemas, competindo por fontes de energia e condições ideais — que implicam entrelaçamentos com diversas formas de tecnologia. Inspirada na prática egípcia antiga de criar múmias de animais — encarnações sagradas ou oferendas votivas que estabeleciam vínculos eternos entre os vivos e o divino — esta obra reimagina tais oferendas sob a lente da catástrofe ecológica contemporânea. Nos ecossistemas alagados do Brasil e na floresta amazônica, os animais já não são sacrificados a divindades, mas às forças do agronegócio, da mineração e das indústrias de combustíveis fósseis, cujas atividades provocam incêndios cada vez mais devastadores e contaminações.

O Pantanal se estende por 17 milhões de hectares, com uma biodiversidade excepcional, abrigando cerca de 4.700 espécies únicas de plantas e animais (Barber, 2024). Esse ecossistema rico oferece serviços essenciais às regiões ao seu redor, sustenta os modos de vida de comunidades indígenas e não indígenas, e atua como um importante reservatório de carbono.

Em “Afterlives-Chimeras”, recriando metaforicamente sacrifícios votivos de corpos de animais, transformando os restos dos animais em quimeras geradas por inteligência artificial — entidades híbridas e deformadas que habitam um espaço liminar entre a vida e a morte, entre o físico e o digital. Criadas com ferramentas como Krea e Meshy, essas quimeras assumem formas assombrosas e surreais que evocam a devastação causada pelo fogo. Cada híbrido emerge da fusão de fotografias de diferentes animais silvestres carbonizados que sucumbiram aos incêndios no Pantanal. Os animais — antes seres distintos — são simbolicamente derretidos uns nos outros, suas formas carbonizadas dando origem a novas entidades grotescas que exploram a estética da IA generativa.

A transformação da representação fotográfica de animais distintos em modelos 3D de seres quiméricos simboliza não apenas a destruição física provocada pelo fogo, mas também a profunda interconexão entre todas as formas de vida — a ideia de que um ser existe dentro do, com e para o outro. À medida que os corpos desses animais são grotescamente fundidos pela devastação do fogo, o destino da humanidade torna-se inseparável do destino desses ecossistemas. Simbolicamente, fazemos todos parte de uma mesma existência compartilhada dentro dos mesmos sistemas

ecológicos. Contudo, sob a influência onipresente das forças econômicas e geopolíticas, contribuímos coletivamente — ainda que de forma paradoxal — para sua destruição. Almalgamadas em processos que envolvem uso de IA generativa, fotografias da fauna carbonizada do Brasil, como o crânio queimado de um jacaré do Pantanal ou um bugio chamuscado que se tornou símbolo da destruição, servem, em “Quimeras Pós-Vida” de base para esta exploração da estética da perda—a estética do luto ecológico contemporâneo.

Perturbações Antropogênicas

O Pantanal, a maior área úmida tropical do mundo, com uma paisagem dinâmica que alterna entre terra e água (Silva et al, 2024) transita sazonalmente entre ambientes secos e aquáticos. O Pantanal é um ecossistema adaptado ao fogo, onde este desempenha um papel crucial na determinação da composição de espécies, dinâmicas populacionais e funções ecológicas (Manrique-Pineda et al, 2021). O fogo e a inundação atuam como reguladores naturais, moldando, por exemplo, a estrutura das comunidades vegetais.

Um estudo da World Weather Attribution (World Weather Attribution, 2024) revelou que as mudanças climáticas induzidas pelo ser humano tornaram os incêndios devastadores de junho de 2024 no Pantanal pelo menos quatro vezes mais prováveis e 40% mais intensos. Esses incêndios devastaram 440.000 hectares (1,1 milhão de acres), deixando restos carbonizados de macacos, jacarés e cobras, e estima-se que tenham matado milhões de animais, além de incontáveis plantas, insetos e fungos (Watts, 2024). A escala da destruição superou em mais de 70% o recorde anterior de junho, impulsionada por condições extremas de fogo que transformaram a região em uma imensa caixa de fósforos. Junho de 2024 foi o mês mais seco, quente e ventoso já registrado no Pantanal brasileiro.

Se a atividade humana não tivesse perturbado o clima com a queima de árvores, petróleo, gás e carvão, tais condições extremas para incêndios seriam muito menos frequentes (World Weather Attribution, 2024). A análise dos pesquisadores da World Weather Attribution — com base em observações meteorológicas e modelagem computacional — demonstrou que (World Weather Attribution, 2024) os ventos extremos, as altas temperaturas e as condições secas tornaram o clima propenso a

incêndios 40% mais intenso e de quatro a cinco vezes mais provável de ocorrer. O padrão climático El Niño, que perdeu força antes de junho de 2024, não teve influência significativa nessas condições. Essas tendências tendem a piorar (World Weather Attribution, 2024) a menos que a humanidade interrompa o consumo de combustíveis fósseis e o desmatamento.

Répteis e anfíbios estão entre os mais vulneráveis durante os incêndios no Pantanal, enquanto macacos frequentemente sucumbem à inalação de fumaça, e onças-pintadas já foram encontradas com queimaduras de terceiro grau. Durante os incêndios de 2020, referidos como “o ano das chamas” (Barber, 2024), quase 30% do bioma foi consumido pelo fogo, resultando na morte de 17 milhões de vertebrados. Em meio à paisagem carbonizada, uma equipe de voluntários resgatistas de animais busca incansavelmente por sobreviventes. Como relatado pelo The Guardian em julho de 2024 (Barber, 2024), os voluntários testemunharam a devastação de perto, afirmando que, em apenas uma semana, alguns já haviam “[...] visto centenas, talvez milhares, de animais mortos — répteis, cobras, sapos — todas as criaturas que não conseguem escapar.” (Barber, 2024)

Entrelaçamentos Comerciais e Geopolíticos ‘Brasil-Estados Unidos-China’: Impactos Ambientais

Refletindo sobre o emaranhamento visceral e a intrincada relação entre a crise climática, o crescimento populacional e os comportamentos culturais, a soja destaca-se como o segmento mais volumoso e concentrado do comércio agrícola global. Dois países com vastas extensões de terra — Brasil e Estados Unidos — dominam as exportações de soja, enquanto a China responde por mais de 60% das importações globais, segundo o USDA (USDA United States Department of Agriculture, 2024).

O comércio internacional de soja se expandiu significativamente quando a China liberalizou suas importações para atender à crescente demanda por proteína na alimentação animal e óleos comestíveis. Essa tendência acelerou-se em 2018, quando a China aumentou suas importações de soja brasileira após impor uma tarifa de 25% sobre a soja dos EUA. Segundo as projeções decenais do USDA (USDA United States Department of Agriculture, 2024), espera-se que o Brasil lidere o crescimento das exportações globais de soja na próxima década. Como destacado

em um artigo recente de Mei Mei Chu (Chu, 2024), correspondente em Pequim da Reuters, publicado em 13 de novembro de 2024, a guerra comercial entre os EUA e a China durante o primeiro mandato de Donald Trump levou Pequim a adotar medidas para reduzir sua dependência de produtos agrícolas norte-americanos, como parte de uma estratégia mais ampla de fortalecimento da segurança alimentar. Desde então, a dependência chinesa da soja dos EUA — anteriormente a maior exportação americana para a China — caiu significativamente, com as importações diminuindo de 40% em 2016 para 18% em 2024, segundo dados da alfândega chinesa (Chu, 2024). Nesse período, a China passou a comprar do Brasil, que não apenas se tornou seu principal fornecedor de soja, como também superou os EUA como maior exportador de milho para o país. Hoje, acompanhamos dramaticamente o início do uso de terras no Pantanal para cultivo de soja, como consequência desses acordos.

Mei Mei Chu (Chu, 2024) detalha os esforços ano a ano da China para diversificar suas fontes de abastecimento agrícola, ampliar a produção local e fortalecer a segurança alimentar após a guerra comercial com os EUA. Em 14 de abril de 2023, ela observa, a China anunciou planos para reduzir a proporção de farelo de soja na ração animal para menos de 13% até 2025, abaixo dos 14,5% em 2022 (Chu, 2024). Além disso, o país revelou iniciativas para aprovar proteínas microbianas para alimentação e lançar projetos-piloto utilizando sobras de alimentos e carcaças de animais como fontes alternativas (Chu, 2024). Em 3 de junho de 2024, Chu relata que a China implementou sua primeira lei de segurança alimentar, com o objetivo de alcançar “autossuficiência absoluta” em grãos básicos e na produção de alimentos em geral (Chu, 2024). Mais recentemente, em 25 de outubro de 2024, a China lançou um plano de ação para o período 2024–2028, focado em acelerar o desenvolvimento da agricultura inteligente e da agricultura de precisão para aumentar a produção de alimentos (Chu, 2024). Em conjunto, essas ações estratégicas visam levar a China à autossuficiência, com potencial para remodelar significativamente a dinâmica do comércio agrícola global e gerar amplas implicações para a crise climática. O impacto da potencial autossuficiência Chinesa pode ser devastador—ecossistemas totalmente destruídos para utilização para plantio de soja que não terá mais comprador, não se regenerarão, e a crise econômica com consequências além-ambientais será dramática.

O Uso Humano de Outros Animais: Entrelaçamentos

Durante minha participação no 28º Simpósio Internacional de Artes Eletrônicas (ISEA 2023), em Paris, reservei um dia para revisitar o Louvre. Durante a visita, fiquei por muito tempo observando a coleção de múmias de gatos, parte do vasto acervo de arte do Antigo Egito do museu, o maior do mundo. Essa experiência despertou reflexões sobre as complexas e peculiares relações da humanidade com os animais ao longo da história — como companheiros, símbolos míticos, oferendas, ou fontes de alimento.

Essa intrincada relação é explorada no projeto Hox Zodiac (Vesna, 2024), uma colaboração entre Victoria Vesna e Siddharth Ramakrishnan que já dura mais de 12 anos. O projeto busca desafiar a perspectiva antropocêntrica, promovendo uma investigação mais profunda das conexões entre humanos e o mundo animal. Nos jantares do projeto Hox Zodiac, os participantes são convidados a se engajar com a história compartilhada e a diversidade genética que une humanos e animais. O projeto utiliza o gene Hox como elemento unificador, enquanto a estrutura do zodíaco chinês e de uma mesa de jantar serve como espaço interativo para o diálogo. A participação dos convidados, artistas e cientistas de todo o mundo, molda a discussão, refletindo a fluidez dessas relações.

Como comenta Umberto Albarella (et al, 2017) outras espécies animais sempre estiveram profundamente entrelaçadas ao tecido das sociedades humanas, ocupando papéis simbólicos, econômicos e ritualísticos em diferentes culturas e épocas. Como disciplina, a zooarqueologia oferece contribuições cruciais para o entendimento dessas relações multifacetadas, enriquecendo as interpretações arqueológicas. O surgimento da arqueologia processual, em meados do século XX, destacou as dimensões ecológicas e econômicas das interações entre humanos e animais. No entanto (Albarella et al, 2017), sua ênfase em tafonomia e estratégias de subsistência frequentemente marginalizou análises de cunho social e ideológico. Críticas pós-processuais surgidas nos anos 1980 desafiam essas limitações, defendendo uma maior atenção aos animais como agentes culturais e simbólicos. Contudo, essa mudança teórica por vezes polarizou o debate em binarismos entre natureza e cultura, relegando a zooarqueologia a um papel excessivamente empírico ou ultrapassado.

Esforços recentes na área (Albarella et al, 2017) buscam superar essa divisão, destacando como os vestígios animais podem informar não apenas a história ambiental, mas também os sistemas religiosos, estruturas de poder e processos identitários. O trabalho de Salima Ikram (2017) sobre o papel dos animais na religião egípcia antiga ajuda a explorar essas relações. Os animais não eram apenas avatares simbólicos dos deuses, mas também participantes ativos em rituais, sacrifícios e economias templárias. As oferendas diárias (Ikram, 2017)— muitas vezes envolvendo gado, aves, carneiros e cabras — sustentavam uma economia tanto material quanto espiritual que ligava o divino ao sociopolítico. Uma transformação significativa nas práticas rituais ocorreu a partir do século VII a.C., quando a mumificação votiva de animais se espalhou por todo o Egito.

No Egito Antigo, além das múmias de animais sagrados considerados encarnações vivas de deuses específicos durante suas vidas, as utilizadas como oferendas votivas apresentadas nos templos dedicados às divindades associadas a esses animais. Oferecer tal múmia (LOUVRE, 2024) permitia ao doador estabelecer um vínculo eterno com a divindade. Por exemplo, gatos eram oferecidos à deusa Bastet, cães a Anúbis e íbis ou macacos a Tot. Essas oferendas eram menos onerosas do que os ex-votos de metal e podiam ser adquiridas por peregrinos nos templos onde os animais eram criados. Os sacerdotes apresentavam as múmias aos deuses, e depois elas eram enterradas em grande número nos cemitérios designados ao redor do Egito. A qualidade dessas múmias variava, provavelmente refletindo a riqueza dos doadores. Os melhores exemplos, como um exposto na mostra *The Gates of Heaven: Visões do Mundo no Antigo Egito*, realizada no Hall Napoleão do Louvre entre 6 de março e 28 de junho de 2009 (LOUVRE, 2024), eram cuidadosamente envoltos em tecido e adornados com máscaras pintadas de cartonagem. Estudos revelaram que os animais frequentemente eram mortos de forma deliberada — no caso dos gatos, muitas vezes ainda com poucos meses de vida.

Como destacado por Ronan Gaugne (Gaugne et al, 2018) e sua equipe da Universidade de Rennes, Inria, CNRS e IRISA, França, em um artigo sobre a análise de uma múmia felina específica, durante mais de um milênio (aproximadamente de 900 a.C. a 300 d.C.), os antigos egípcios mumificaram milhões de animais. O estudo de múmias animais teve início na campanha egípcia de Napoleão Bonaparte, no final do século XVIII, e desde então avançou de forma esporádica. As análises

macroscópicas e invasivas iniciais, como comenta o pesquisador (Gaugne et al, 2018), focavam principalmente em desvendar as técnicas de mumificação e oferecer pistas sobre a fauna do Egito Antigo. Como observa Salima Ikram (2017), todos os animais oferecidos como ex-votos eram nativos do Egito, com exceção dos babuínos.

A múmia de gato estudada pela equipe de Ronan Gaugne (et al, 2018) está no acervo do Musée des Beaux-Arts de Rennes desde 1923, após ser transferida do Museu do Louvre. Anteriormente, fazia parte do Cabinet des Médailles da Biblioteca Nacional da França, e sua origem exata permanece desconhecida. Catalogada sob o número de inventário D.1923.2.108, esta múmia mede 42 cm de altura por 10,3 cm de largura e é classificada como uma “múmia boliche”, com a cabeça moldada para se assemelhar à de um gato. Motivado por um estudo da Universidade de Manchester que revelou que cerca de um terço das múmias animais estão vazias, o museu decidiu examinar o exemplar por meio de radiografia. A análise, realizada em um laboratório veterinário, revelou que a múmia não estava vazia, mas continha ossos de pelo menos três gatos diferentes — embora sem o crânio.

Conforme explica a equipe de Ronan Gaugne (Gaugne et al, 2018), duas iniciativas de pesquisa multidisciplinares — INTR SPECT e MAHES — foram mobilizadas para aprofundar a investigação. O projeto INTROSPECT integra tomografia computadorizada (CT) com ferramentas de visualização 3D, incluindo realidade virtual e impressão 3D, para ampliar a capacidade de arqueólogos explorarem artefatos antigos. Enquanto isso, o projeto MAHES, liderado por parceiros internacionais como a Universidade de Montpellier e o CNRS, concentra-se nas práticas rituais e no contexto cultural mais amplo dos cultos de animais sagrados no Egito Antigo, especialmente por meio de coleções como as abrigadas no Musée des Confluences, em Lyon.

A varredura por tomografia computadorizada da múmia de gato forneceu dados DICOM, permitindo uma análise detalhada e modelagem 3D. Segundo a equipe de Ronan Gaugne (Gaugne et al, 2018), a varredura revelou diversos fragmentos ósseos de felinos concentrados na “região corporal” da múmia. Os restos identificáveis incluíam escápulas, úmeros, raios, ulnas, coxais, fêmures, tíbias, patas traseiras, vértebras e uma pata completa, indicando a contribuição de pelo menos três gatos

juvenis. A ausência de costelas, elementos cranianos e conexões anatômicas, somada à presença de danos causados por insetos, sugere decomposição avançada antes da mumificação. Como apontam os pesquisadores (Gaugne et al, 2018), essa descoberta levanta questões sobre a classificação dessas múmias. Egíptólogos têm debatido se essas chamadas “pseudo-múmias” seriam criações fraudulentas para enganar peregrinos, respostas práticas à escassez de restos animais ou representações simbólicas. Como resultado do esforço de pesquisa (Gaugne et al, 2018), dados DICOM foram utilizados para gerar modelos 3D voltados à impressão e à realidade aumentada. Essas tecnologias oferecem um acesso sem precedentes à composição interna de artefatos, enriquecendo tanto a pesquisa acadêmica quanto as exposições museológicas.

A natureza composta da múmia de gato de Rennes, construída a partir dos restos de múltiplos felinos, convida ao diálogo com o arcabouço conceitual da obra *Afterlives–Chimeras*. Ambas desafiam noções convencionais de identidade, integridade e propósito, através da ótica da hibridez e da reconstrução. A múmia, categorizada como uma “pseudo-múmia” (Gaugne et al, 2018) devido à sua composição fragmentada, transcende pressupostos modernos sobre autenticidade e completude. Em vez disso, ela atua como um artefato ritual cujo poder simbólico reside não em sua integridade física, mas em sua função dentro das práticas votivas do Egito Antigo.

IA Generativa e o almagamar inter-espécies

Utilizando ferramentas de inteligência artificial generativa incluindo Krea e Meshy, fotografias de corpos carbonizados nos incêndios no Pantanal foram amalgamadas para formar criaturas híbridas, visualmente bizarras e surrealistas, que deformam e transmutam as formas originais dos animais fotografados. O Krea aplica a técnica de Redes Adversariais Generativas (GANs) para gerar conteúdo visual a partir de descrições textuais e insumos visuais, permitindo a produção de uma animação de 10 segundos na qual imagens de animais calcinados são combinadas com um prompt textual para compor cenas de uma estética inquietante. Nas transições entre as imagens criadas pela IA do Krea, o efeito de derretimento de uma cena na subsequente faz com que as formas dos corpos dos animais se misturem e gerem imagens-entre, onde os corpos hibridizados podem ser vislumbrados.

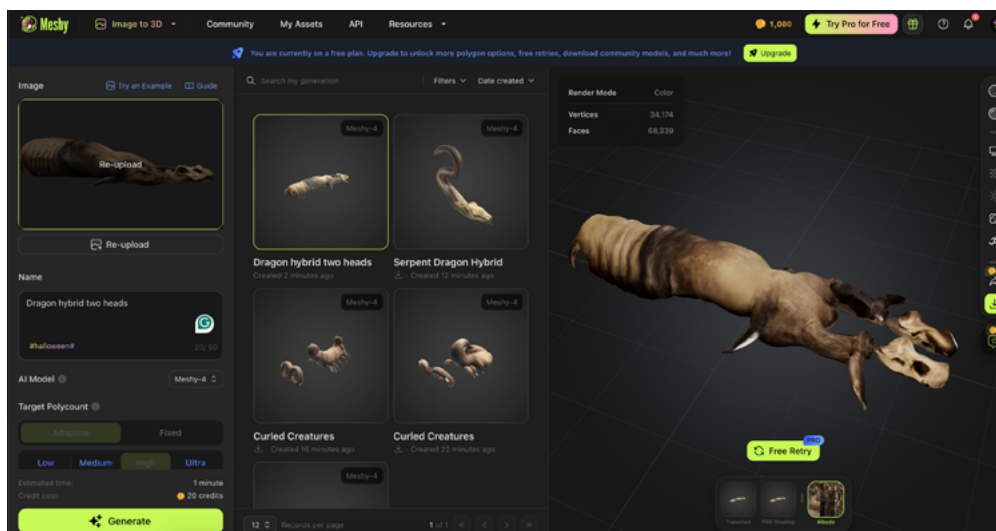


Figura 2. Modelo 3D gerado por IA generativa no aplicativo Meshy de uma das Quimeras Pós-Vida, derivado de um frame de um vídeo de 10 segundos gerado no Krea. O vídeo foi baseado em cinco fotografias de animais silvestres carbonizados durante os recentes incêndios no Pantanal Matogrossense, no Brasil. (Imagem da artista).

A partir da animação exportada em .MP4, quadros foram extraídos usando EZgif e utilizados como entrada no Meshy para a geração de modelos tridimensionais em .STL . Esses modelos foram, então, traduzidos em esculturas físicas, impressas em PLA branco — material que evoca simbolicamente os envoltórios de linho utilizados nas mumificações egípcias — remetendo tanto ao ritual quanto ao luto. As esculturas espectrais que emergem desse processo não apenas corporificam a destruição provocada pelos incêndios, mas também tornam explícito o papel da humanidade no colapso ecológico que assola biomas como o Pantanal. A estética de fusão dos frames gerados por IA evidencia ainda como os modelos treinados falham ao lidar com tangências e interseções complexas, intensificando visualmente o sentimento de perda, transformação e desintegração identitária.

Considerações Finais

É pertinente e, fundamental, refletir criticamente sobre a pertinência e as contradições do uso das tecnologias digitais, que incluem o uso de aplicativos de IAs generativas em versões gratuitas online, no contexto da crítica ecológica. As mesmas ferramentas computacionais empregadas para denunciar a destruição ambiental são

alimentadas por cadeias logísticas e sistemas técnicos que operam sob a lógica do extrativismo, do consumo intensivo de energia e da exploração territorial — dinâmicas que, ironicamente, estão entre as causas centrais da emergência climática.

As plataformas de IA generativa, seus datasets, e os sistemas de fabricação digital que possibilitam a materialização dessas imagens simbólicas operam dentro de uma infraestrutura global de trocas comerciais e políticas, mediando desde a circulação de alimentos até armamentos. Há, portanto, um paradoxo inevitável: criticar o colapso ecológico com os mesmos instrumentos que, direta ou indiretamente, participam da sua engenharia.

“Quimeras Pós-Vida” ilustra essas contradições ao evidenciar discursos aprisionados em contextos nos quais todas trocas são mediadas por tecnologias computacionais — desde mensagens, e-mails, fotos e documentos armazenados em nuvem, até aplicativos de presença e interação em redes sociais, em versões para smartphones, tablets e computadores pessoais. Toda crítica se dá por meio de redes em que algoritmos, articulados pelas mais diversas e exóticas engenharias, ‘conversam’, trocam, organizam, armazenam, utilizam e geram dados em sincronia com as necessidades e desejos humanos.

“Quimeras Pós-Vida” se posiciona nessas tramas complexas não apenas como memorial poético às vidas perdidas nos incêndios do Pantanal, mas também como dispositivo de exposição da nossa cumplicidade tecnocultural. A obra interroga o lugar do artista e das tecnologias criativas em tempos de devastação sistêmica, chamando à responsabilidade estética, ética e ecológica. Ao recorrer às linguagens do próprio tecnoceno para meditar sobre seus impactos, o projeto propõe um gesto ambíguo — simultaneamente de denúncia e de reconhecimento do entrelaçamento profundo entre cultura digital, política global e catástrofe ambiental.

Referências

Albarella, U. B., Rizzetto, M., Russ, H., Vickers, K., & Viner-Daniels, S. (Eds.). (2017). *The Oxford handbook of zooarchaeology*. Oxford University Press. <https://doi.org/10.1017/eaa.2018.4>

Barber, H. (2024, July 9). Devastation as world’s biggest wetland burns: ‘those that cannot run don’t stand a chance’. *The Guardian*. <https://rb.gy/hzksw8>

Chu, M. M. (2024, November 12). How China reduced its reliance on US farm imports, softening trade war risks. Reuters. <https://www.reuters.com/markets/commodities/how-china-reduced-its-reliance-us-farm-imports-softening-trade-war-risks-2024-11-13/>

Gaugne, R., Porcier, S., Nicolas, T., Coulon, F., & Hays, O., et al. (2018, October). A digital introspection of a mummy cat. Digital Heritage 2018 - 3rd International Congress & Expo, IEEE, San Francisco, United States, 1–8. <https://hal.science/hal-01875690v1>

Ikram, S. (2017). Animals in ancient Egyptian religion: Belief, identity, power, and economy. In U. Albarella et al. (Eds.), *The Oxford handbook of zooarchaeology* (pp. 452–465). Oxford University Press.

Louvre. (2009). Mummy of a Cat. Mini site Louvre. <https://mini-site.louvre.fr/portesduciel/EN/01expo/notice040107.php>

Manrique-Pineda, D. A., et al. (2021). Fire, flood and monodominance of *Tabebuia aurea* in Pantanal. *Forest Ecology and Management*, 479, 118599. <https://doi.org/10.1016/j.foreco.2020.118599>

Silva, P. S., et al. (2024). Joining forces to fight wildfires: Science and management in a protected area of Pantanal, Brazil. *Environmental Science & Policy*, 159, 103818. <https://doi.org/10.1016/j.envsci.2024.103818>

United States Department of Agriculture (USDA). (2019). Interdependence of China, United States, and Brazil in soybean trade (OCS-19F-01). USDA Economic Research Service. <https://www.ers.usda.gov/webdocs/outlooks/93390/ocs-19f-01.pdf>

Vesna, V., & Ramakrishnan, S. (n.d.). Hox Zodiac: About. Hox Zodiac. Retrieved November 27, 2024, from <https://hoxzodiac.com/blog/about/>

Watts, J. (2024, August 8). Wildfires in Brazil's Pantanal wetland fuelled 'by climate disruption'. *The Guardian*. <https://www.theguardian.com/world/article/2024/aug/08/wildfires-brazil-pantanal-wetland-climate-disruption>

World Weather Attribution. (2024, November 4). Extreme downpours increasing in Southern Spain as fossil fuel emissions heat the climate. World Weather Attribution. <https://www.worldweatherattribution.org/extreme-downpours-increasing-in-southern-spain-as-fossil-fuel-emissions-heat-the-climate/>